

Apresentação

Três importantes processos, estreitamente relacionados: eleição de Lula para presidente; grande sucesso do III Fórum Social Mundial; novo e mais contundente ataque do imperialismo estadunidense. Em todos eles, é, no momento, muito difícil, embora imprescindível, discernir o que se inicia e o que se encerra, o que fenece e o que prossegue em novos termos.

A perplexidade não é privilégio de poucos delirantes ou das grandes massas pretensamente amoldáveis pela chamada mídia ou por marqueteiros, cujo pior estrago consiste em difundir a idéia de que só existe um meio de fazer política: o dos dominantes. Neste mesmo Brasil, um pouco antes de um processo eleitoral espetacularizado, cerca de 10 milhões de pessoas participaram ativamente, sob a olímpica indiferença dos grandes meios de comunicações e dos grandes partidos políticos de esquerda (governando estados e municípios), do plebiscito sobre a ALCA; em todo o mundo, grandes manifestações de massa fizeram a crítica prática do discurso sobre a globalização e identificaram na ofensiva imperialista a principal ameaça à paz.

Muito resta em aberto, até porque o fundamental depende da correlação entre as forças em luta.

Este número duplo de *Lutas Sociais* se destina a subsidiar o debate sobre os três processos. Os dois primeiros artigos se voltam diretamente para as eleições presidenciais do ano passado. Jair Pinheiro analisa a relação entre o baixo nível de polarização ideológica e as estratégias adotadas pelas principais candidaturas; Zulene Barbosa examina os impactos que a aliança com Sarney produziu, já antes do segundo turno, sobre as esquerdas no Maranhão; e Valerio Arcary teoriza sobre os limites da democracia liberal na periferia do capitalismo. No contra-fluxo deste processo, diversos autores, como Michael Löwy, François Houtart e Júlia Gomes e Souza, abordam, no que concerne à metodologia e ao objeto, a imbricação de práticas objetivas e utopia nas lutas por um outro mundo que não se revela apenas possível, mas necessário para a sobrevivência de milhões de seres humanos e – no limite – da própria humanidade. Nada mais oportuno do que recuperar o ponto fulcral desses embates, apresentando um alentado dossiê sobre múltiplos aspectos da contradição

entre trabalho e capital. Abordá-la, especialmente na periferia do sistema, implica o esforço de atualizar o exame de questões candentes, como a dos Estados nacionais, das assimetrias no sistema internacional e das vicissitudes da soberania neste momento de grande turbulência da transnacionalização do capitalismo em crise. Para estas questões que, em uma palavra, giram em torno das novas configurações do imperialismo, se debruçam as análises apresentadas por Lúcio Flávio de Almeida, Eliel Machado, Marcelo Buzetto e Miguel Mazzeo. A questão agrária, viveiro das mais importantes lutas sociais em grande parte da América Latina, suscita dois artigos. Um, escrito por Horacio Martins de Carvalho, analisa a correlação de forças na formação social brasileira. Outro, de Célia Tolentino, aborda o tratamento do rural pela filmografia brasileira e italiana, o que, além de contribuir para desvendar importantes aspectos do desenvolvimento de ambas as sociedades, inaugura um espaço a ser tratado com muito carinho nesta revista: o da relação entre arte e lutas sociais.

Seis resenhas completam este número que submetemos ao leitor, com a expectativa de que o retorno, sob a forma de críticas e envio de artigos (quanto mais, melhor!), seja, no mínimo, equivalente ao ocorrido em relação aos números anteriores, todos praticamente esgotados.

L.F.R.A.

(pelo Comitê Editorial)